

PARTICIPAÇÃO DE MULHERES AFRO-BRASILEIRAS E AFRICANAS NO PROCESSO DE PRODUÇÃO E PESQUISA SOBRE TECNOLOGIAS DIGITAIS

Dauda Uali¹

Zelinda Dos Santos Barros²

RESUMO

Este projeto de pesquisa, de caráter exploratório, mapeou a produção acadêmica de mulheres afro-brasileiras e africanas sobre tecnologias digitais nos PALOP e no Brasil no período de 1989 - quando foi criada a World Wide Web (WWW), a 2019. Por meio de um diálogo teórico-metodológico entre os Estudos sobre Cibercultura e os Estudos de Gênero e Feminismos, foi analisada a participação de mulheres afro-brasileiras e africanas no campo da pesquisa científica sobre tecnologias digitais, identificando as principais questões por elas abordadas neste campo. Para alcançar os objetivos inicialmente definidos, fizemos um levantamento das docentes negras que atuam nos cursos de Ciências da Computação, Comunicação, Pedagogia e Ciências Sociais nos sites das universidades federais brasileiras e de universidades públicas dos PALOP (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, São Tomé e Príncipe), identificando aquelas que desenvolvem pesquisas sobre tecnologias digitais. No Brasil, fizemos o mapeamento nos sites das universidades, no Google, no Plataforma Lattes, nos departamentos dos cursos vinculados área da pesquisa. Além de constatarmos poucas mulheres negras atuam nos cursos citados das universidades federais, identificamos um pequeno número delas que desenvolvem pesquisas sobre tecnologias digitais. Quanto aos dados relativos aos PALOP, nos deparamos com dificuldades de acesso das informações nas páginas destas universidades e na internet, dificultando assim a realização de uma análise pormenorizada da participação das docentes nestes países.

Palavras-chave: Mulheres negras Brecha digital Tecnologias digitais .

UNILAB, INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (MALÊS), Discente, daudauali11@gmail.com¹

UNILAB, INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (MALÊS), Docente, zelindabarros@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

Com a popularização das tecnologias digitais, as pessoas passaram a desenvolver habilidades específicas para lidarem com as tecnologias digitais, o que evidenciou uma “cultura do computador”, ou seja, “um conjunto de normas de comportamento, crenças e atitudes não explícitas nos currículos oficiais ou acadêmicos e que se encontram e se difundem a todo o público através das revistas populares, jornais, best-sellers, filmes, inclusive das piadas e brincadeiras” (MIGUEL & BOIX, 2013, p. 50). Inicialmente, tais mudanças foram acompanhadas da expectativa de que o mundo virtual seria o espaço “em que finalmente os gêneros ficam desarticulados e desativados, e as pessoas liberadas dos rígidos copertes com uma masculinidade ou feminilidade empobrecedora e alienante” (MIGUEL & BOIX, op. cit., p. 47).

O otimismo exagerado em relação às tecnologias digitais foi desestimulado por estudos feministas sobre tecnologia ao demonstrarem a persistência de desigualdade de gênero no acesso, uso e produção das tecnologias, que geram o processo de exclusão denominado por algumas autoras de brecha digital de gênero (NATANHSON, 2013) ou segunda brecha digital (CASTAÑO, 2008). Tais estudos assumem que a tecnologia é uma das principais formas de expressão do gênero (BRAY, 2007). Pesquisas orientadas por tal perspectiva evidenciam como a associação entre masculinidade e tecnologia tem repercutido nas experiências cotidianas de homens e mulheres, na constituição de suas identidades e em suas formas de vida (GRAÑA, 2004). Neste sentido, habilidades técnicas e domínios de expertise são divididos entre os sexos e internamente a eles. Os homens teriam um acesso facilitado ao mundo virtual justamente pela imersão privilegiada nesta cultura. Esta compreensão não implica a desconsideração do caráter processual de gênero e da tecnologia, tampouco dos contextos onde se dão as relações por eles marcadas, uma vez que também reconhecem que há locais em que a codificação da tecnologia como masculina tem sido desafiada, provocando um desequilíbrio entre a representação e a prática.

O projeto “Participação de mulheres afro-brasileiras e africanas no processo de produção e pesquisa sobre tecnologias digitais”, de caráter exploratório, mapeou a produção acadêmica sobre tecnologias digitais nos PALOP e no Brasil no período de 1989 - quando foi criada a World Wide Web (WWW), a 2019. Por meio de uma abordagem que se constituiu a partir do diálogo teórico-metodológico entre os Estudos sobre Cibercultura e os Estudos de Gênero e Feminismos, pretendeu visibilizar a participação de mulheres afro-brasileiras e africanas na produção de pesquisas científicas sobre tecnologias digitais, identificando as principais questões por elas abordadas neste campo.

METODOLOGIA

De caráter exploratório e descritivo, esta pesquisa teve como objetivo “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses e têm como principal objetivo o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições” (GIL, 2002, p 41). Tendo em vista que o principal objetivo deste projeto foi mapear o campo de pesquisadoras/desenvolvedoras sobre tecnologias digitais africanas e afro-brasileiras, também pode ser classificada como descritiva porque pretende “a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Utilizamos o método de procedimento comparativo e recorremos a dados estatísticos levantados no decorrer da pesquisa com o intuito de evidenciarmos o que pesquisadoras afro-brasileiras e africanas produzem na área das tecnologias digitais, especialmente as TIC. Em virtude dos transtornos provocados pela pandemia de COVID-19, não foi possível concluir a construção do site do projeto para divulgar o acervo digital de estudos sobre a participação de mulheres afro-brasileiras e africanas dos PALOP na produção de



tecnologias digitais e na área de pesquisa sobre estas tecnologias, mas a coordenadora do projeto deu prosseguimento à sua construção após o término do período de vigência o material vem sendo divulgado no endereço: <https://docentesnegrasetcologias.blogspot.com>

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No Brasil os levantamentos foram realizados 69 (sessenta e nove) universidades federais. Foram identificadas 618 docentes que pesquisam tecnologias digitais a partir de pesquisa nos sites das universidades e na Plataforma Lattes, no entanto, apenas 31 são negras. Nos dados recolhidos percebe que a presença de docentes negras é bastante reduzida em comparação com as docentes brancas nestas universidades, 5% e 95%, respectivamente. Do mesmo modo, percebemos que a maioria destas mulheres que atuam nas áreas de tecnologias digitais são de universidades da região Nordeste, com mais de 50%. Os cursos onde encontramos maior número de pesquisadoras foram Pedagogia e Comunicação.

Em relação aos PALOP, encontramos várias dificuldades para obter as informações sobre os sujeitos da pesquisa. As dificuldades de acesso às informações nos sites institucionais nos levaram entrar contato telefônico com residentes destes países, mas, sem sucesso. Ao todo, identificamos 15 universidades públicas, porém, localizamos apenas 8(oito) mulheres nos seis países pesquisados. Na Universidade Katyavala Bwila (UKB), encontramos 3(três) docentes: 1(uma) no curso de Ciência da Computação e 2(duas) no curso de Pedagogia. No Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda (ISCED-Luanda), encontramos 2(duas) docentes, ambas no curso de Ciências de Educação. Em Cabo Verde, foram encontradas 3(três) docentes na Universidade de Cabo Verde (Uni-CV), todas no curso de Tecnologias Multimídia e Comunicação. O acesso desigual à internet constitui um dos principais obstáculos encontrados na realização da pesquisa exploratória nestes países. Segundo dados da União Internacional de Telecomunicação - ITU (2019), em Moçambique, apenas 7,6% da população têm acesso à internet; na Guiné-Bissau, 21,% acessam, e em Cabo-Verde, 61,9%.

CONCLUSÕES

Por meio do projeto, pudemos constatar que, numa área predominantemente masculina, as diferenças raciais e de gênero interagem na criação de posições diferenciadas para mulheres negras e brancas na produção de tecnologias digitais. A produção do material da pesquisa relacionado às docentes brasileiras transcorreu de modo mais satisfatório do que o das docentes africanas porque os recursos existentes nos permitiram levantar os dados sem maiores dificuldades de acesso às informações. Com base do trabalho feito na primeira etapa da pesquisa, elaboramos tabelas e gráficos que nos permitiram conhecer a frequência e percentual de pesquisadoras negras nas universidades federais do Brasil, a distribuição por região e as principais palavras-chave das suas pesquisas. De modo geral, constatamos que tanto no Brasil como no PALOP a mulheres negras ainda estão longe da participação das produções de tecnologias digitais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB por apoiar a realização do projeto com a concessão de uma bolsa de iniciação científica, à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPPG) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e ao grupo de pesquisa Nyemba - Processos Sociais, Memórias e Narrativas Brasil/África, ao qual o presente trabalho está



vinculado.

REFERÊNCIAS

- BRAY, Francesca. "Gender and Technology". *Annual Reviews Anthropology*, n. 36, 2007. p. 37-53.
- CASTAÑO, Cecilia. *La segunda brecha digital*. Madrid: Ed. Cátedra, 2008.
- GIL, Antonil Carlos: *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- GRAÑA, François. *Ciencia y tecnología desde una perspectiva de género*. Informe do projeto "Constitución y reproducción de estereotipos masculinos en el a 2004.
- MIGUEL, Ana de; BOIX, Montserrat. "Os gêneros da rede: ciberfeminismos". In: NATANSOHN, Graciela (Org.). *Internet em código feminino: teorias e práticas*.
- NATANSOHN, Graciela. "Que têm a ver as tecnologias digitais com o gênero?". In (Org.). *Internet em código feminino: teorias e práticas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: La Crujía, 2013. p. 15-38.
- NATANSOHN, BRUNET, PAZ. *A cultura digital: uma questão de gênero*. XI ALAIC, Montevideu, maio de 2012.

